

Consciência *de* Grupo Esclarecida



Este exemplar pertence ao

- Outubro 2013

As Doze Tradições de A.A. (forma Integral, ou forma Longa):

1. Cada membro de Alcoólicos Anônimos é apenas uma pequena parte de um grande todo. A.A. precisa continuar a viver ou a maioria de nós certamente morrerá. Portanto, nosso bem-estar comum vem em primeiro lugar. Entretanto, o bem-estar individual vem logo depois.
2. Para o propósito de nosso grupo, há somente uma autoridade final – um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva.
3. Nossa Irmandade deve incluir todos os que sofrem do alcoolismo. Não podemos, portanto, recusar quem quer que deseje se recuperar. A condição para tornar-se membro não deve nunca depender de dinheiro ou formalidade. Dois ou três alcoólicos quaisquer reunidos em busca de sobriedade podem se autodenominar um grupo de A.A., desde que como grupo, não tenha outra afiliação.
4. Com respeito a seus próprios assuntos, nenhum grupo de A.A. está sujeito a autoridade alguma além de sua própria consciência. Quando, porém, seus planos interferirem no bem-estar de grupos vizinhos, estes devem ser consultados. Nenhum grupo, comitê regional ou membro deve tomar qualquer atitude que possa afetar seriamente A.A. como um todo, sem consultar os custódios da Junta de Serviços Gerais. Em tais questões, nosso bem-estar comum tem absoluta primazia.
5. Cada grupo de Alcoólicos Anônimos deve ser uma entidade espiritual *com um único propósito primordial* - o de levar sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
6. Problemas de dinheiro, propriedade e autoridade podem facilmente nos afastar de nosso objetivo espiritual primordial. Acreditamos, portanto, que quaisquer bens de valor considerável, de real utilidade a A.A. devem ser incorporados e administrados separadamente, fazendo-se assim uma divisão entre o material e o espiritual. Um grupo de A.A., como tal, jamais deveria dedicar-se a negócios. Entidades secundárias de auxílio a A.A., tais como clubes ou hospitais, que requeiram muitos bens materiais e muita administração devem ser incorporadas separadamente de forma que, se necessário, possam os grupos livremente descartar-se delas. Tais instituições não deveriam, portanto, usar o nome de A.A. Sua administração deve ser de exclusiva responsabilidade de quem as financia. Para os clubes, são em geral preferíveis gerentes que sejam membros de A.A. Mas os hospitais e outros centros de recuperação devem, porém, ficar bem afastados de A.A. e ter supervisão médica. Embora um grupo de A.A. possa cooperar com quem quer que seja, tal cooperação nunca deve chegar ao ponto de filiação ou endosso, real ou implícito. Um grupo de A.A. não pode vincular-se a ninguém.
7. Os grupos de A.A. devem ser inteiramente financiados pelas contribuições voluntárias de seus próprios membros. Acreditamos que cada grupo deve atingir essa meta em pouco tempo; que qualquer solicitação de fundos usando-se o nome de A.A. é altamente perigosa seja ela feita por grupos, clubes, hospitais ou outras agências alheias; que a aceitação de grandes donativos de qualquer fonte ou de contribuições que acarretem quaisquer obrigações não é prudente. Vemos ainda com muita preocupação aquelas tesourarias de A.A. que continuam a acumular dinheiro além da reserva prudente, sem um propósito específico. A experiência tem nos demonstrado frequentemente, que nada pode destruir nosso patrimônio espiritual com tanta certeza, como as discussões fúteis sobre propriedade, dinheiro e autoridade.
8. Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional. Definimos profissionalismo como utilização do aconselhamento a alcoólicos em troca de honorários ou salário. Entretanto,

podemos empregar alcoólicos para desempenhar aquelas funções para as quais, em outras circunstâncias, teríamos que contratar não alcoólicos. Tais funções especiais podem ser bem recompensados. Mas nosso trabalho habitual de Décimo Segundo Passo jamais deve ser pago.

9. Cada grupo de A.A. necessita da menor organização possível. A forma rotativa da liderança é a melhor. O grupo pequeno pode eleger um secretário, o grupo grande seu comitê rotativo e os grupos de uma ampla região metropolitana seu comitê central ou intergrupar, o qual frequentemente emprega um secretário em tempo integral. Os Custódios da Junta de Serviços Gerais se constituem, na realidade, em nosso Comitê de Serviços Gerais de A.A. São eles os guardiães de nossa Tradição de A.A. e os depositários das contribuições voluntárias de A.A., através das quais mantemos nosso Escritório de Serviços Gerais. Eles são autorizados pelos grupos a cuidar de nossas relações públicas em geral e garantem a integridade de nosso principal órgão de divulgação: a revista *Vivência*. Todos esses representantes têm suas ações guiadas pelo espírito de serviço, pois os verdadeiros líderes em A.A. são apenas servidores experientes e de confiança da Irmandade. Seus títulos não lhes conferem nenhuma autoridade real e eles não governam. O respeito universal é a chave para sua utilidade.
10. Nenhum grupo ou membro de A.A. deve jamais expressar, de forma a envolver A.A., qualquer opinião sobre assuntos controversos alheios à Irmandade – particularmente sobre política, medidas de combate ao álcool ou sectarismo religioso. Os grupos de A.A. não se opõem a nada. Com respeito a tais assuntos, eles não devem expressar qualquer opinião.
11. Nossas relações com o público em geral devem caracterizar-se pelo anonimato pessoal. Acreditamos que A.A. deve evitar a publicidade sensacionalista. Nossos nomes e fotografias, como membros de A.A., não devem ser divulgados pelo rádio, filmados ou publicamente impressos. Nossas relações públicas devem orientar-se pelo princípio da atração e não da promoção. Nunca há necessidade de elogiarmos a nós mesmos. Achamos melhor deixar que nossos amigos nos recomendem.
12. Finalmente, nós de Alcoólicos Anônimos, acreditamos que o princípio do anonimato tem uma enorme significação espiritual. Lembra-nos que devemos colocar os princípios acima das personalidades; que devemos realmente conduzir-nos com genuína humildade. Isso para que as nossas grandes bênçãos jamais nos corrompam, a fim de que vivamos para sempre em grata contemplação d'Aquele que preside todos nós.

Consciência => Do latim *conscientia*. Sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior.

Sentido ou percepção que o ser humano possui do que é moralmente certo ou errado em atos e motivos individuais, funcionando como o juiz que ordena acerca de coisas futuras e que se traduz em sentimentos de alegria, satisfação, ou de culpa, remorso, acerca de coisas passadas.

Sistema de valores morais que funciona, mais ou menos integradamente, na aprovação ou desaprovação das condutas, atos e intenções próprias ou de outrem.

Conjunto de ideias, atitudes, crenças de um grupo de indivíduos, relativamente ao que têm em comum ou ao mundo que os cerca.

Conhecimento, convicção, discernimento, compreensão.

Entendimento acerca de ou interesse por determinado tema ou ideia, esp. por problemas sociais e políticos.

O ser humano, tomado como ser pensante ou espiritual; alma, espírito, mente.

Indivíduo cuja consciência (política, moral, religiosa etc.) é esp. firme, obstinada e/ou representativa de determinada corrente ou fase.

...Faculdade, princípio ou propriedade (inata ou, para a teologia antiga, de implantação divina) acima da qualidade moral dos atos e motivos de uma pessoa, a qual funciona como juízo do *certo*, associado ao Bem, e do *errado*, associado ao Mal.

Faculdade por meio da qual o ser humano se apercebe daquilo que se passa dentro dele ou em seu exterior.

A vida espiritual humana, passível de conhecer a si mesma de modo imediato e integral, estabelecendo dessa maneira uma evidência irrefutável de sua própria existência e, por extensão, da realidade do mundo exterior...

Dicionário Houaiss

Consciência coletiva => Conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria.

Consciência Coletiva, de acordo com o sociólogo francês *Émile Durkheim (1858-1917)*, é um conjunto cultural de ideias morais e normativas, a crença em que o mundo social existe até certo ponto à parte e externo à vida psicológica do indivíduo.

Toda a teoria sociológica de Durkheim pretende demonstrar que os fatos sociais têm existência própria e independem daquilo que pensa e faz cada indivíduo em particular. Embora todos possuam sua "*consciência individual*", seu modo próprio de se comportar e interpretar a vida, podem-se notar, no interior de qualquer grupo ou sociedade, formas padronizadas de conduta e pensamento. Essa constatação está na base da que Durkheim chamou de consciência coletiva.

Segundo Durkheim "*para que exista o fato social é preciso que pelo menos vários indivíduos tenham misturado suas ações e que dessa combinação tenha surgido um produto novo*". Esse produto novo, constituído por formas coletivas de agir e pensar, se manifesta como uma realidade externa às pessoas. Ele é dotado de vida própria, não depende de um indivíduo ou outro.

"Mas, um fenômeno só pode ser coletivo se for comum a todos os membros da sociedade ou, pelo menos, à maior parte deles, portanto, se for geral. Certamente, mas, se ele é geral, é porque é coletivo (isto é, mais ou menos obrigatório), o que é bem diferente de ser coletivo por ser geral. Esse fenômeno é um estado do grupo, que se repete nos indivíduos porque se impõe a eles. Ele está em cada parte porque está no todo, o que é diferente de estar no todo por estar nas partes[...]".

http://pt.wikipedia.org/wiki/Consci%C3%Aancia_coletiva

1. Consciência Coletiva

Texto do Dr. Lair Marques, Ex-Custódio e Presidente da JUNAAB

“Consciência Coletiva: como o AA se organiza e decide seus caminhos”

“... um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva”.

“... que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade”.

O que é consciência coletiva?

É um estado ao qual se chega por meio da participação de todos os membros que compõem um grupo, em especial nas reuniões de serviço, no processo em que se busca o conhecimento de algum assunto ou problema que esteja em estudo e se estende também às decisões que eventualmente irão ser tomadas.

Como se desenvolve o processo?

Dando oportunidade e até solicitando que todos os membros presentes participem que ofereçam as suas contribuições tanto para o estudo do problema quanto para a sua solução. Isto significa que ninguém deve ser excluído, que ninguém deve ficar de fora. É indispensável que o coordenador seja capaz de conter os que procuram impor as suas vontades e pontos de vista, limitando a oportunidade de participação e o tempo disponível para apresentar as suas contribuições e, por outro lado, oferecer aos mais retraídos, a eles em especial, bem como a todos os membros presentes, a mesma oportunidade e o mesmo espaço de tempo para participar no processo de busca da consciência coletiva. Não só oferecer, mas, muitas vezes, é preciso até solicitar que os mais tímidos apresentem os seus pontos de vista. O poder coletivo contendo o poder individual, a grandiosidade do alcoólico.

Numa primeira rodada, pode ocorrer que as opiniões fiquem muito distantes umas das outras, mas, quando se faz uma nova rodada de opiniões na qual se buscam novos entendimentos e posições acerca do assunto em estudo, o que se observa é que, após pensar e meditar por algum tempo acerca do que já havia sido colocado por todos os companheiros anteriormente, as opiniões vão tendendo para uma área mais central, vão ficando menos distantes entre si, vão se aglutinando em torno de uma ideia ou decisão que, num certo momento, surgirá como sendo apoiada por uma substancial unanimidade. As opiniões vão gradativamente tendendo para um ponto central. Não há limitação quanto ao número de rodadas nem quanto ao tempo necessário às exposições. O processo deverá demorar o tempo que for necessário.

Como todos devem ser ouvidos, porque deve haver uma ampla participação e também porque os assuntos precisam ser estudados por completo e detalhadamente e ainda porque também as decisões a serem tomadas são sempre importantes, este processo pode exigir um longo tempo de participação e de maturação e pode igualmente exigir um esforço prolongado.

É importante que não haja pressa.

Talvez a reunião se prolongue bastante e é possível que poucos itens de uma agenda sejam abordados ou que poucas decisões sejam tomadas, mas o que é preciso ter em mente é que o processo em si é o fato mais importante e isso ocorre porque ele tem valor terapêutico. Ele vale, em primeiro lugar, pela evolução e pelo crescimento espiritual que propicia. A Irmandade de Alcoólicos Anônimos não é uma empresa em que a eficiência e o uso do tempo ficam em função dos resultados esperados e dos objetivos fixados pelo próprio processo administrativo.

Em Alcoólicos Anônimos, tempo não é dinheiro; é saúde, é recuperação, é crescimento espiritual, sobretudo. A Irmandade de Alcoólicos Anônimos é, antes de tudo, uma Irmandade em que todos procuram deter a sua doença e entrar num processo de cura, não física, mas psicológica e espiritual e a participação no serviço, especialmente no processo que leva à consciência coletiva, tem grande importância para a recuperação e para que se possa alcançar a serenidade. O próprio processo da busca da consciência coletiva é, pela sua natureza, uma maneira de diminuir a velocidade que impomos às nossas vidas, de evitar o estresse. Nele tudo se desenvolve sem obsessividade e cada membro participante vive um agora mais longo, mais demorado.

Por que é importante chegar à consciência coletiva?

Porque é um processo sábio por meio do qual não saíram vencedores nem vencidos. Porque, pela ampla participação, todos aceitam, ao final e ao cabo, e sem resistências psicológicas, as decisões que foram acordadas e ainda porque, em face da ampla participação, todos se sentem igualmente responsáveis pelas ações que serão tomadas e também pelas suas consequências e, numa visão maior, até mesmo pelos destinos da Irmandade de Alcoólicos Anônimos.

O usual é que procuremos ser mais espertos e controlar uns aos outros em função de objetivos individuais ou do interesse de pequenos grupos e isso costuma ocorrer ao nos comportarmos seguindo o estímulo psicológico que recebemos no decurso das nossas vidas.

Por meio da consciência coletiva, os conflitos podem ser resolvidos sem derramamento de sangue físico ou emocional e mais ainda, com sabedoria.

Sempre que se busca adequadamente chegar à consciência coletiva, os gladiadores baixam as armas e os escudos e se tornam hábeis em ouvir e entender e, sobretudo, em respeitar e aceitar os dons dos outros, bem como as suas limitações. Ao longo da busca da consciência coletiva, aceitamos que somos diferentes, mas que, por outro lado, estamos ligados aos demais membros pelas nossas feridas e pelo fato de estarmos aprendendo a lutar juntos mais do que uns contra os outros. Os conflitos são resolvidos. Os membros aprendem a desistir de facções e de compor pequenos subgrupos. Aprendem a ouvir mutuamente e a não rejeitar.

O silêncio de quem escuta representa uma abertura, uma disponibilidade em relação ao outro. É como criar uma zona de silêncio que traduz a confiança no outro. Dar um lugar aos outros é indispensável para que possamos desenvolver a nossa relação existencial. A amabilidade do acolhimento, da abertura, não exclui a personalidade de quem escuta daquele que procura o verdadeiro em meio a múltiplas verdades. Só assim se chega à plenitude do diálogo. É como viver as tarefas do mundo tais como elas se apresentam. A vida é então realizada e confirmada na concretude de cada instante, de cada dia.

A busca da consciência coletiva é uma experiência importante para por fim aos conflitos humanos, pois, durante o processo de busca, não procuramos tirar a energia dos outros companheiros. Sempre que alguém sai vencedor, o perdedor fica deprimido, em baixa. Mas se procuramos a consciência coletiva, estaremos então recebendo energia de outra fonte, do Poder Superior.

Na consciência coletiva está contida uma filosofia do diálogo, da relação entre os membros de A.A. Importa uma relação desenvolvida no diálogo, na atitude existencial da face-a-face. Há uma vibração recíproca na face-a-face. O diálogo assim desenvolvido abre novas perspectivas em relação ao sentido da existência humana de cada um dos membros participantes porque está voltado para um novo projeto de existência e não para um passado nostálgico. O processo da busca da consciência

coletiva estabelece uma nova relação entre os membros de AA e, numa visão maior, entre os seres humanos.

Se consultada a consciência coletiva, as decisões são realistas?

A ampla participação assegura que a realidade seja conhecida nos seus mais diferentes aspectos, que nenhuma particularidade seja omitida, que nenhuma consequência das decisões a serem tomadas deixe de ser considerada. O estudo resulta sempre completo porque é o resultado da soma de todas as experiências, de todas as visões. Significa que se estuda e se decide com segurança. Frequentemente, o nosso narcisismo nos faz sentir que somos os guardiões de uma estrutura frágil e ameaçada e que, se não fosse por nós, tudo já estaria perdido. Isso é a manifestação de que algo está errado com a nossa saúde mental e espiritual e que é preciso colocar, lado a lado, a nossa realidade com a que é percebida pelos irmãos em quem confiamos. O fato é que a verdade compartilhada é poderosa e eleva o espírito e é por isso que compartilhamos quando participamos das atividades do grupo ou das que são mais ligadas ao serviço.

Frequentemente a verdade é um processo, o resultado de uma relação entre nós mesmos e os outros, a qual dá à verdade maior clareza e brilho. Precisamos de coragem para ver a verdade, mas ela nos fortalece, e estar dentro da realidade significa não estar alienado. Ocorre uma confiança no diálogo, na busca comum da verdade.

No conjunto, o grupo sempre aprecia melhor porque inclui membros com muitos e diferentes pontos de vista e com a liberdade assegurada de expressá-los por meio do processo que busca a consciência coletiva.

Incorpora-se o claro e o escuro, o sagrado e o profano, a tristeza e a alegria, a glória e a lama e é por essa razão que as decisões são bem elaboradas. Não é provável que se deixe de apreciar algum aspecto importante. Como cada membro representa um padrão de referência e, se eles são muitos, o grupo de trabalho se aproxima mais e mais da realidade. As decisões são realistas e usualmente seguras.

Não ao totalitarismo!

É comum pensar que as diferenças possam sempre ser resolvidas por uma autoridade maior. No passado de cada um de nós, era costumeiro apelar para a intervenção do pai ou da mãe para o entendimento de situações e para a solução de problemas. Procura-se frequentemente até apelar para um ditador benevolente. Mas Alcoólicos Anônimos, em favor da maturidade dos seus membros, nunca pode ser totalitária.

Nós nos acostumamos, ao longo da nossa vida, a aceitar certas formas de autoridade que sempre serviram como orientação para definir a realidade em que vivemos e sem ela nos sentimos confusos e perdidos. Mas a busca da consciência coletiva passa a ser o exercício através do qual sempre, e em grupo, encontramos a orientação, sempre conhecemos de uma maneira mais completa a realidade e, é bom acentuar, sem a necessidade de qualquer autoridade que não a do Poder Superior. No decurso do processo de busca da consciência coletiva acontece o retorno da sensação de segurança, agora sob uma forma mais espiritualizada, a segurança espiritual.

A maneira menos primitiva de se resolverem as diferenças individuais é a de apelar para o que chamamos de democracia. Pelo voto, determina-se o lado que prevalece. A maioria governa. Mas este processo exclui as aspirações da minoria. Pelo contrário, o processo de tomada da consciência coletiva inclui as aspirações da minoria. É como transcender as diferenças pessoais de modo a incluir, na mesma medida, a minoria. Entrar no processo que leva à consciência coletiva é ir

além da democracia. Recorrer ao voto não é a solução. Apenas o consenso integra as minorias e, em realidade, até evita a formação delas. O processo pelo qual se chega ao consenso é uma aventura porque não se pode antecipar o que vai resultar, é algo quase místico e mágico, mas que funciona.

Durante o processo de busca da consciência coletiva, a autoridade fica descentralizada. Não há líderes e, ao mesmo tempo, todos são igualmente líderes. Há um verdadeiro "fluxo de liderança". Os membros se sentem livres para se expressar e para oferecer as suas contribuições e o fazem no seu exato momento e na devida dimensão. Há lideranças. É o espírito de comunidade que lidera e não o individualismo.

O desenvolvimento da Humildade

O processo de busca da consciência coletiva atenua o individualismo áspero que leva à arrogância e isso se faz por meio da limitação da participação, ao evitar preponderância e excessos - a velha prepotência e a conhecida manipulação. O poder individual só é contido, só é limitado, pelo poder coletivo. Este é um princípio fundamental. Isto é exatamente o que acontece no processo de busca da consciência coletiva.

Desenvolve-se, nos membros do grupo de trabalho, um individualismo ameno que leva à humildade. Durante o processo, as dádivas de todos são apreciadas e também reconhecidas as suas próprias limitações e isso está na base da aceitação das nossas próprias imperfeições. "*Conhece-te a ti mesmo*" é uma regra segura para chegar à humildade.

Nesse momento, fica muito claro que o problema não é a dependência e sim a real interdependência. Não só os membros se tornam mais humildes, mas também o grupo como um todo.

O grupo como um lugar seguro

As pessoas se tornam mais amenas quando participam do processo de busca da consciência coletiva porque se olham através das lentes do respeito. O grupo se torna um lugar seguro porque há aceitação e compreensão, e as pessoas sentem com uma intensidade nova o amor e a confiança. Desarmam-se. Passa a haver a paz e, sobretudo, os membros aprendem a fazer a paz.

É também um lugar seguro porque no grupo ninguém está tentando curar, converter ou mudar o outro e, paradoxalmente, é exatamente por isso que a cura e a conversão acontecem. No grupo, as pessoas são livres para serem elas mesmas, livres para procurar a própria saúde psicológica e espiritual. Tudo isso faz do grupo um lugar seguro em que as pessoas podem abrir mão das suas defesas, das suas máscaras, dos seus disfarces. Aceitamos ser vulneráveis, expor as nossas feridas e fraquezas, e assim fazendo, aprendemos também a ser afetados pelas feridas dos outros. O amor que surge neste compartilhar só é possível porque abrimos mão da norma social de pretender ser invulneráveis.

Num lugar seguro as pessoas se desarmam e aprendem a fazer a paz, que nasce do processo de busca da consciência coletiva.

Um estado de espírito muito especial

Quando nos preparamos psicologicamente para participar de uma reunião de serviço em que se vai à busca da consciência coletiva e nos sujeitamos ao processo que leva a ela, desenvolve-se uma atmosfera tal que, paradoxalmente, nela as pessoas falam mais baixo e, no entanto, são mais ouvidas. Nada é agitado e não se forma o caos.

Pode haver discussão e luta, mas ela é construtiva e move-se em direção do consenso. Em realidade, entra-se no processo de formação de uma verdadeira comunidade.

Esse estado de espírito é indispensável para que se possa estar aberto para a manifestação do Poder Superior. Para a inspiração e para a voz do Espírito Santo.

Quando nos dirigimos para uma reunião de serviço, não podemos imaginar qual será o resultado dos trabalhos nem devemos interferir nele. O processo de formação da consciência coletiva é verdadeiramente um mistério.

O estado de espírito de quem vai para uma reunião de serviço

Quando se vai para uma reunião de serviço, é preciso ter em mente que a intenção, a ideia, é levar tão somente uma contribuição, uma experiência pessoal. É preciso lembrar sempre que o todo é formado pelas partes e que cada um de nós não é senão uma parte, mas uma parte realmente importante. Cabe ainda lembrar que as nossas experiências são tanto o fruto das nossas vivências, e por isso são muito ricas, mas também limitadas à esfera pessoal. Ao mesmo tempo, precisamos ter a consciência do valor da contribuição que podemos dar, mas também de que ela será parte de um todo, de um conjunto maior, que se formará a partir das contribuições de cada um dos presentes à reunião.

O que fica dessas considerações é que a atitude de humildade é indispensável se se deseja chegar à consciência coletiva. É aceitar que, pelo menos diante do fato de se estar frente a uma manifestação do Poder Superior, a prepotência, a arrogância, o narcisismo e a agressividade possam dar lugar à humildade e à aceitação daquilo que irá resultar da soma de todos os conhecimentos e contribuições, mas, sobretudo aceitar que ao final se chegará ao melhor caminho, à melhor solução, à melhor decisão.

O que acontece quando não se busca a consciência coletiva

Muitas coisas podem acontecer. A realidade pode ser distorcida e as conclusões ou decisões podem não ser as mais sábias ou convenientes. Parte dos que compõem o grupo pode ficar excluída dos trabalhos, por ser constituída de membros mais tímidos ou por estarem dominados pelos mais prepotentes, pelos que melhor fazem uso da palavra.

Pode ocorrer que, antes de uma reunião, os componentes do grupo procurem contatar outros membros para lhes convencer acerca das suas pretensões ou postulações ou, simplesmente, conseguir adesões ou fazer acordos. Obviamente a consciência coletiva estará sendo manipulada e aí poderiam os mais doentes chegar ao seu "*dia de glória*", pois teriam manipulado até mesmo o Poder Superior. No entanto, nessas condições, a consciência coletiva não se estabelece e Ele não fala. Talvez falem outras vozes menos divinas.

Quando não se busca a consciência coletiva, o que usualmente acontece é correr o sangue emocional e até mesmo o físico. Usualmente a luta se estabelece, mas ela não leva a nada porque é caótica, é barulhenta e não construtiva.

As agressões tornam as reuniões cansativas e os resultados são nulos ou diminutos. As reuniões se tornam tanto desagradáveis quanto improdutivas. É um conflito sem frutos e que vai para lugar nenhum. As pessoas tornam-se prisioneiras das suas raivas, dos seus ressentimentos e das suas ambições pessoais desmesuradas. Outros procuram concertar as cabeças, convencer ou curar os seus companheiros e isso, muitas vezes, pode até parece ser coisa de amor, mas o fato é que fazem isso para o seu próprio conforto, em seu favor.

É fundamental que busquemos a complementação sempre que opiniões diferentes ou contrárias às nossas forem apresentadas. Devemos buscar, nessas situações, o sentido de existir, de ser. Devemos identificar, na existência dos opostos, o sentido da complementaridade. Sempre que

nos incompatibilizamos uns com os outros é porque estamos medindo forças e assumindo posições antagônicas. Se buscarmos o sentido do complementar, poderemos reverter o antagonismo e somar as nossas potencialidades em torno de um propósito único. Desse modo, não perdendo o nosso ponto de vista, identificamos um sentido maior que é a grande manifestação da Consciência Coletiva.

A insensatez

Quando não se busca a consciência coletiva, a insensatez se estabelece no grupo. Isto é, ele passa a agir de forma contrária aos seus próprios interesses, de forma contrária à apontada pela razão. Exatamente ao contrário da sabedoria que está no exercício do julgamento atuando com base na experiência e no uso das informações disponíveis.

No caos e na manipulação, buscam-se as atitudes contrárias aos próprios interesses da Irmandade de Alcoólicos Anônimos, não obstante as advertências desesperadas de alguns e da existência de alternativas melhores e viáveis. A busca da insensatez torna-se trágica e, dolorosamente, um comportamento dominante. Dominados pelas paixões, os membros do grupo abandonam o comportamento racional, tornam-se passionais. A mitologia grega tinha uma figura para representar a cegueira da razão, o desvario involuntário, de cujas consequências os companheiros depois se arrependem, chamada Ate, filha de Eris, deusa da discórdia e da disputa. Tomados de cega insensatez, as vítimas da deusa se tornam incapazes de realizar uma escolha racional, de distinguir entre atos morais e imorais.

Onde e como o Céu e a Terra se tocam

O homem, desde tempos imemoriais, vem procurando fazer contato com as forças criadoras, com o sagrado. Procurou lugares e objetos em que o céu e a terra se encontrassem. Concebeu a montanha e a cidade sagradas, a residência real, a árvore da vida e da imortalidade, a fonte da juventude, etc.

De acordo com crenças indianas, o monte Meru seria uma montanha sagrada e sobre ela brilharia a estrela polar. Na crença iraniana, a montanha Elburz seria o ponto em que a terra estava ligada ao céu. A população budista do Laos considera sagrado o monte Zinnalo. No Edda, o Himinbjorg, que quer dizer "*montanha celestial*", é considerado o ponto em que o arco-íris alcançaria a parábola do céu.

Para os povos mesopotâmicos, o Zigurate era a montanha cósmica. Na Palestina era o Monte Tabor. Para os cristãos, a montanha cósmica era o Gólgota, o lugar onde Adão tinha sido criado e sepultado e o sangue do Salvador teria sido derramado sobre o crânio de Adão, servindo para a sua redenção. Esta crença ainda permanece entre os cristãos orientais. A cidade da Babilônia, como indica o próprio nome, era tida como a "*porta dos deuses*", pois era por meio dela que os deuses desciam para a terra.

A ideia de que o santuário reproduz o Universo, na sua essência, passou para a arquitetura religiosa da Europa cristã e para as basílicas dos primeiros séculos, do mesmo modo que as catedrais medievais reproduziam simbolicamente a "*Jerusalém celestial*".

O lugar sagrado, o "*Centro*", seria a zona da realidade absoluta e lá estariam os seus símbolos: a árvore da vida e da imortalidade, a fonte da juventude, etc. daí a ideia de que a estrada que leva ao "*Centro*" é um "*caminho difícil*". Difícil também a peregrinação aos lugares sagrados como Meca, Hardwar e Jerusalém, feita em viagens cheias de perigos e realizadas por expedições heróicas. As mesmas dificuldades encontra aquele que procura caminhar em direção ao seu ego, ao "*Centro*" do seu ser. A estrada é árdua e cheia de perigos porque representa um ritual de passagem

do âmbito profano para o sagrado, do efêmero e ilusório para a realidade e para a eternidade, da morte para a vida, do homem para a divindade. Chegar ao "*Centro*" equivale a uma consagração; a existência profana e ilusória dá lugar a uma nova existência, a uma vida real, duradoura. Na busca da consciência coletiva o grupo de trabalho procura chegar ao "*Centro*", ao ponto mais elevado.

Eu, pessoalmente, considero que é através do processo de formação da consciência coletiva, após percorrer um caminho muitas vezes árduo e difícil, é que estabelecemos um contato entre o céu e a terra. É por meio do processo de busca da consciência coletiva que o céu e a terra se tocam. A consciência coletiva é a voz do Poder Superior.

O conceito de substancial unanimidade e a ideia da formação de uma verdadeira comunidade centrada na busca da manifestação do Poder Superior está na base de uma nova dimensão de divindade e permitirão que a Irmandade de Alcoólicos Anônimos se aperfeiçoe de maneira progressiva e que, por meio da busca da consciência coletiva, os seus membros conquistem a mais absoluta liberdade espiritual, ficando então livres de preconceitos e de sentimentos negativos em relação aos demais companheiros.

2.A Reunião de Serviço do Grupo: Onde o serviço começa

Box 4-5-9, Fev. Mar. / 1990 (pág. 4) => http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_feb-mar90.pdf

Título original: "*La reunión de negocios del grupo: Donde empieza el servicio*"

Os 75.000 Grupos que atualmente (1990) compõem A.A., têm o que Bill W. chamou "*a responsabilidade final e a autoridade suprema pelos serviços mundiais de A.A.*" Mas, onde começa esta cadeia cada vez mais longa de responsabilidade? Quem tem autoridade para tornar isso realidade?

A estrutura de A.A. em sua totalidade começa com o Grupo individual; e a maneira com que cada Grupo conduz seus assuntos, por efeito de ondas, influi na totalidade da Irmandade. A orientação do Grupo é essencialmente estabelecida em suas Reuniões de Serviço (*dependendo do lugar, esta reunião tem outras denominações: business meeting ou, reunião de negócios, reunião administrativa, etc.*) onde a consciência informada do Grupo se manifesta respeito a diversas questões, desde a política e as finanças do Grupo até assuntos do Escritório de Serviços Locais e Serviços Gerais.

Considerando a importância das Reuniões de Serviço dos Grupos, a Área de Sacramento, Califórnia, preparou uma série de diretrizes sugeridas referentes ao tema, para sua discussão numa Mesa de Trabalho dos servidores dos Comitês de Serviço dos Grupos realizada no ano passado.

A seguir aparece uma adaptação dos extratos destas diretrizes. Burke D., membro do Comitê de Distrito disse que "*as compartilhamos com a esperança de que nossos companheiros encontrem tanta utilidade como tem tido para nós*".

Quem convoca e organiza a Reunião de Serviço?

Para a maioria dos Grupos esta é uma função do RSG (ou do coordenador, secretário ou tesoureiro do Grupo, ou o Comitê de Serviços, se houver). A experiência demonstrou que as Reuniões de Serviço regulares, realizadas normalmente a cada mês o a cada trimestre, contribuem de maneira significativa para a unidade e a identidade do Grupo.

Quando se celebram?

Uma vez que cada Grupo é autônomo, não existe uma única resposta: porém, podemos oferecer algumas ideias que tem dado bons resultados: anunciar que a Reunião de Serviço irá começar 30 minutos ou uma hora antes de abrir a reunião regular, conforme a quantidade de assuntos

que irão ser discutidos. Ou pode ser feita imediatamente depois da reunião regular. Em alguns casos, celebra-se a Reunião de Serviço ao mesmo que a reunião regular, em outra sala separada e da mesma forma com que alguns Grupos realizam sua “*mesa de Passos*”. Outros Grupos fazem sua Reunião de Serviço durante um “*jantar improvisado*” numa noite diferente às dedicadas a suas reuniões regulares.

Quem assiste?

Geralmente, apenas os membros do Grupo podem participar das Reuniões de Serviço. Alguns Grupos convidam outras pessoas que não fazem parte do Grupo, mas, pedem que se abstenham de votar nos assuntos relacionados com as atividades do Grupo.

Que tipo de serviços são tratados?

A agenda varia de Grupo para Grupo, e conforme os temas que deverão ser considerados. Entretanto, eis alguns aspectos de serviço de Grupo que permanecem constantes: a eleição de novos servidores; a programação de novos e diferentes tipos de reuniões; a apresentação e discussão do relatório financeiro do tesoureiro; a apresentação de informações sobre o andamento dos trabalhos realizados pelos servidores do Grupo; a destinação de fundos excedentes ao necessário aos órgãos de serviço, etc. Além disso, programar reuniões de unidade com outros Grupos ou organizações para intercâmbio de experiências e estabelecer a consciência de Grupo no que se refere a assuntos que serão discutidos e/ou submetidos a votação na Assembleia de Área.

Independentemente de realizar suas Reuniões de Serviço, muitos Grupos fazem periodicamente um “*inventário de Grupo*” – uma franca e honesta discussão relacionada com os pontos fortes e fracos do Grupo. Também são de utilidade as “*sessões de compartilhamento*”, onde os membros podem ventilar qualquer problema ou oferecer soluções para evita-los.

Procedimentos da Reunião:

Geralmente as Reuniões de Serviço são pouco formais. Entretanto, conforme a necessidade poderão se remeter a “*Robert’s Rules of Order*” (N.T.: “Regras de Ordem de Robert” é o título de um livro escrito em 1876 pelo Coronel Henry Martyn Robert (1837-1923), que contém regras de ordem destinadas a serem adotadas por uma autoridade parlamentar para uso por uma assembleia deliberativa), sempre que não se crie nenhum conflito com as Tradições. A maioria dos membros tem pouca experiência nos procedimentos parlamentares e é possível que alguns se possam sentir intimidados no momento de falar.

Antes que se possa definir a consciência de Grupo, é essencial que todos os membros conheçam toda informação pertinente ao tema em questão. Em muitos casos, é pedido a um membro individual ou a uma pequena comissão estabelecida para esse fim, que estudem os prós e contras relacionados com o assunto e que apresentem suas conclusões perante a Reunião.

3. O que é uma consciência de Grupo esclarecida

Box 4-5-9, Out. Nov. 1984 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_oct-nov83.pdf

Título original: “¿*Qué es una Conciencia de Grupo Bien Informada?*”

- Quando A.A. tinha apenas dois anos de existência e Bill W. estava quebrado, um amigo, com boas intenções, ofereceu-lhe um posto tentador como terapeuta leigo, com seu próprio consultório, uma conta corrente à vista no banco e uma generosa parte nos benefícios. Entusiasmado, Bill foi para a sua casa; era noite de reunião no salão de baixo e Bill diz “*Apressei-me a contar-lhes a história da oportunidade que se apresentava a mim*”. Mas, os

demais membros resistiram a que seu cofundador se convertesse num AA profissional, e Bill não o fez. Foi exercida a consciência de Grupo.

- Quando seu Grupo elege um coordenador, e não escolhe Joaquim L., um veterano popular que já desempenhou bem essa função, favorecendo Rosa N., sem tanta graça talvez, mas uma mulher de confiança é exercida a consciência de Grupo.
- Talvez os membros do seu Grupo não possam decidir se deve ou não mudar o formato de uma reunião ou pagar cotas ao clube onde se reúne para celebrar seus aniversários. Ninguém tem razão necessariamente. Mas quando a questão é colocada para discussão e votação é provável que a consciência de Grupo vá prevalecer.

Embora nem sempre compreendida, a consciência de Grupo, como definida na Segunda Tradição, é, entretanto, um conceito básico e poderoso que possibilita que indivíduos de procedência e temperamento diversos possam ir além das suas ambições pessoais e se unirem num objetivo comum: manterem-se sóbrios e ajudar o alcoólico que ainda sofre a alcançar a sobriedade.

Não era fácil consegui-lo. Como Bill W. contou: *“Poucos obstáculos foram mais difíceis de eliminar do que aqueles que fecharam o passo à ideia de que a consciência de Grupo de A.A. deve ser a única e última autoridade nos nossos assuntos”*.

No decorrer dos anos, a experiência, o trabalho por tentativas, demonstrou que os Grupos de A.A. não quiseram que os diretores dos assuntos que se referem aos seus princípios e ao serviço, fossem escolhidos por outros; queriam dirigir seus assuntos por si próprios. Ademais, ficou claro que eles podiam realizar este desejo de uma maneira muito eficaz. Como disse Bill: *“A consciência de Grupo adequadamente esclarecida sobre os fatos, os problemas e os princípios em questão, frequentemente era mais assertiva que qualquer líder nomeado por ele mesmo ou pelos outros”*.

Na maioria dos casos não é tão fácil chegar à consciência de Grupo. Recentemente, Lawrence H., de Ormnocto, NB, Canadá, formulou este problema ao Escritório de Serviços Gerais – ESG: *“Numa reunião de eleição da nossa Assembleia de Área, alguns membros que haviam servido como MCD’s faz uns dez anos, deixaram que seus nomes ficassem incluídos entre os candidatos para Delegado, inclusive depois de uma discussão que durou uma hora. O problema é que o atual ‘Manual de Serviço de A.A.’ diz: ‘Podem-se candidatar os membros do Comitê atuais ou antigos’. Anteriormente dizia ‘... podem ser membros do Comitê em exercício, ou que demitem ou ambas as coisas’”*.

Na resposta, o ESG assinalou que *“o Manual de Serviço não é um conjunto de leis inflexíveis, mas, apenas uma compilação de sugestões que podem ser utilizadas da maneira que se deseja para estabelecer guias para a elegibilidade de candidatos a qualquer encargo”*.

Continuando, o ESG ofereceu outras sugestões: *“Estas decisões devem ser tomadas e submetidas a votação antes das eleições. Se, por exemplo, sua Área decide que os MCD’s que exerceram o encargo há muitos anos atrás não são elegíveis, esta decisão deve ser tomada em uma reunião de assembleia amplamente divulgada antes da eleição. Quando estas questões são submetidas a votação, os membros deverão ouvir as razões de ambas as partes e ter a oportunidade de manifestar suas preocupações. A Quarta Garantia do Decimo Segundo Conceito, recomenda ‘que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade’”*. Em outras palavras, a responsabilidade de tomar a decisão foi devolvida a quem pertencia – à consciência de Grupo esclarecida da Área de New Brunswik, Nebraska.

Dutch O., de Fort Lupton, Colorado, apresenta uma questão relacionada com o assunto: *“Quando é o momento apropriado para buscar a consciência de Grupo? Com quanto tempo de antecedência deve ser avisada a reunião para discutir a questão antes de agir sobre ela? E, quantos membros deverão estar presentes para que se possa começar a trata-la?”*.

Respondendo a estas perguntas, o ESG sugeriu que seria apropriado buscar a consciência de Grupo quando houver um problema que devesse ser submetido a votação. A frase *“consciência de Grupo esclarecida”*, geralmente significa que todas as informações necessárias foram estudadas e todos os pontos de vista foram expressos antes que o Grupo vote.

As experiências de Grupo compartilhadas com o ESG, indicam que é uma boa ideia que sejam notificados todos os membros do Grupo que possam fazer parte com uma boa antecedência; geralmente duas semanas é o suficiente. Alguns Grupos dizem que dois terços dos membros deverão estar presentes, mas nem sempre é possível reunir tantas pessoas. Cada Grupo baseando-se na sua própria experiência estabelece suas próprias regras com relação à proporção necessária de votos, mas, sempre com o objetivo de alcançar uma *“substancial unanimidade”*.

Como escreveu Bill em relação à Quarta Garantia: *“Quando uma decisão que foi tomada por substancial unanimidade resulta equivocada, não pode haver recriminações acaloradas. Todos poderão dizer: ‘Bom, debatemos a questão, tomamos a decisão, mas resultou ser uma decisão ruim. Que tenhamos mais sorte a próxima vez!’”*.

4. Onde se origina a consciência de Grupo Esclarecida

Box 4-5-9, Abr. Mai./1984 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_april-may84.pdf

Titulo original: *“Donde se Origina em Realidad la Conciencia de Grupo Informada”*

“Lembro que certa vez, quando eu era ainda principiante e crítico, disse a um veterano que o Grupo estava louco. Disse-me que fosse para um canto da sala e fala-se aquilo para mim mesmo. Ainda demorou muito tempo para perceber que naquele momento começava a entender que uma consciência de Grupo esclarecida inicia-se no próprio indivíduo”.

Assim iniciou David L., um Delegado do Novo México, uma discussão sobre *“A importância de uma consciência de Grupo esclarecida”*, o tema de apresentação no Fórum Regional do Sudeste, em Denver, Colorado, em dezembro passado.

Fazendo observar que *“esclarecer”* significa *“instruir”*, ou *“guiar”* ou *“iluminar”*; David disse que o conceito oposto é *“ocultar”*. *“Enquanto à minha própria conduta, embora nunca oculte alguma coisa a nenhum principiante intencionalmente, faço o mesmo deixando que o principiante divague, adiando discussões sobre a necessidade de ter um Grupo base ou de assisti uma reunião de consciência de Grupo. Irrito-me quando este mesmo principiante - sem consultar a consciência do Grupo, pinta a sala de reunião de roxo. A verdadeira bobagem é que se pintasse a sala de branco ou azul ou outra cor do meu agrado, e possível que eu não disse-se nada a respeito da consciência de Grupo. Assim, que o processo da consciência de Grupo esclarecida, comece com a intenção de cada pessoas estar o melhor informada possível; somente desta maneira, eu posso conceder este privilégio ao principiante. De acordo com a minha experiência, A.A. raramente tem problemas que não sejam procedentes de uma consciência de Grupo não esclarecida, por exemplo, não contribuir com os órgão de serviço; ou ter caciques ao invés de servidores de Grupo”*.

Para que a consciência de Grupo se mantenha verdadeiramente esclarecida, David oferece as seguintes sugestões:

- 1. Como indivíduos devemos nos assegurar de estar bem informados a respeito do modo de vida de A.A., ler sua literatura e nos dispor a compartilhar com os principiantes.** *“Temos que estar bem informados sobre as nossas Doze Tradições: o futuro da Irmandade depende da nossa compreensão das mesmas. Considere o que aconteceu com os Washingtonianos (um movimento de esforço pessoal muito promissor, que existiu entre os alcoólicos na década de 1840). Se houvessem tido nossas Tradições, esta sociedade ainda estaria viva e com boa saúde”.*
- 2. Devemos conhecer e participar da nossa estrutura de serviço.** *“Em A.A. me ensinaram a acreditar que o serviço é ‘dar para ter’, aquele velho paradoxo de A.A. que se manifesta nas diversas atividades, desde arrumar a sala ou fazer visitas de Décimo Segundo Passo, até se assegurar de que a mensagem seja levada aos presídios e hospitais. Não posso separar a recuperação do serviço”.*
- 3. Compreender a necessidade de celebrar reuniões de consciência de Grupo.** *“Não estou dizendo reuniões às quais comparecem dois ou três veteranos membros do Comitê de Serviços, que tomam todas as decisões pelo Grupo. Quero dizer uma reunião separada, planejada para tomar a consciência de Grupo referente a assuntos que afetam o Grupo ou A.A. na sua totalidade. Se um par de veteranos faz tudo, como podemos dizer aos principiantes que não temos um sistema de hierarquia em A.A.?”.*
- 4. Ter consciência de que realmente há líderes em A.A. – servidores fieis que não mandam, como se explica em nossas Tradições e com mais detalhe no “Manual de Serviço de A.A.”.** *“Tomei conhecimento de que é possível que eu não seja bom para o meu Grupo; é possível que eu tente satisfazer minhas próprias necessidades egoístas. Ou posso me entregar ao Grupo com vontade de servir. Por outro lado, um Grupo também pode não ser bom para mim. Certa vez um padrinho me disse: ‘David, se o seu Grupo permite que você vire um ‘peixe gordo’, o Grupo não é apropriado para você’. Ele tinha razão”.*

Concluindo, David L. falou de sua crença de que, *“defrontar-se com a consciência de Grupo se torna mais fácil se confiarmos na Oração da Serenidade. A serenidade a coragem e a sabedoria foram sempre essenciais. Conforta-me saber que nosso Poder Superior, ou Deus como eu quero chama-lo, na realidade se manifesta em nossa consciência de Grupo. Quero que A.A. sobreviva para mim, para meu filho e para os membros futuros que ainda não viram a luz; e isto exige que eu me torne responsável. Deus cuidará de nós”.*

5. Na “anarquia benigna” de A.A., a consciência de Grupo esclarecida é a última autoridade

*Box 4-5-9, Fev. Mar. 1989 (pág. 5) => http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_feb-mar89.pdf
Título original: “En la ‘anarquía benigna’ de A.A. la conciencia de grupo informada es nuestra última autoridad”*

Ao cofundador Bill W., comparar A.A. com uma “anarquia benigna”, com razão, A.A. é um movimento espiritual e, como diz claramente a Segunda Tradição, nossa última autoridade *“é um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva”.*

Mas, o que é exatamente a consciência de Grupo? No que se diferencia de uma opinião de Grupo ou de uma votação majoritária? E, qual é a melhor maneira de alcançá-la?

De maneira geral tem-se entendido que a consciência de Grupo busca a unanimidade através do esclarecimento espiritual e o apego aos nossos Passos Tradições e conceitos. Ao tratar assuntos delicados, o Grupo trabalha lentamente – evitando apresentar moções (*) formais até que apareça uma definição clara do ponto de vista coletivo. Antepondo os princípios às personalidades, o Grupo se previne contra as opiniões dominantes. Ouve-se a sua voz quando o Grupo bem informado chega a uma decisão. O resultado dessa decisão está fundamentado em algo mais que uma simples contagem de votos “sim” ou “não” – precisamente porque é a manifestação espiritual da consciência do Grupo.

O falecido Dean K., que serviu um período como delegado do interior da Califórnia e depois como diretor do Escritório Central de Seattle, disse que há duas maneiras de chegar à consciência de Grupo. *“A maneira competitiva permite a quem tem a voz mais alta promover sua ideia, pedir votos e chegar a uma decisão ‘majoritária’. Isto não é a consciência de Grupo esclarecida. A forma cooperativa permite ao Grupo reunir-se com confiança mútua para tomar uma decisão de Grupo que não é a vitória pessoal de um único indivíduo”.*

A fórmula de Dean para uma consciência de Grupo cooperativa e esclarecida requer que se apresentem os fatos desde todos os ângulos ao tratar de qualquer questão. Enfaticamente, Dean disse: *“Não se abre à discussão geral. Isso permitiria aos membros mais barulhentos dominar o debate. Sugere-se que o coordenador peça a cada membro dar sua opinião durante um tempo de dois minutos. Ninguém deveria ter uma segunda oportunidade de falar até que todos tenham falado; assim, inclusive o membro mais calado terá a mesma oportunidade de se manifestar. O coordenador não dá sua opinião até que todos demais tenham manifestado a sua.*

È importante ouvir sempre a voz da minoria; entretanto, é preciso ter em mente o fato de que a voz minoritária, embora às vezes tenha razão, pode frequentemente não tê-la. A não ser que seja muito convincente, deveria ser considerada como o que é – ou seja, uma voz minoritária. Permitir que a minoria sempre influenciasse a maioria é permitir que o rabo movesse o cachorro”.

Para além do nível de Grupo, A conferência de Serviços Gerais de A.A. tem a responsabilidade de atuar como a consciência de Grupo coletiva da Irmandade. A Conferência, a entidade de A.A. mais parecida com a voz coletiva, produz opiniões a respeito de assuntos importantes de política que podem afetar A.A. na sua totalidade; aprova a seleção de alguns dos candidatos à Junta de Serviços Gerais e elege outros. Entretanto, nem a Conferência nem a Junta podem dar ordens a nenhum Grupo ou membro de A.A.

Nem sempre bem compreendido como conceito, a consciência de Grupo esclarecida, tal como está expressada na Segunda Tradição, é uma poderosa ideia espiritual que torna possível a indivíduos dos mais diversos temperamentos e procedência, superar a ambição pessoal e unir-se para realizar nosso propósito comum: mantermo-nos sóbrios e estender a mão de A.A. ao alcoólico que ainda sofre.

(*) **N.T.: Moção** => Do inglês e do francês *motion*. Proposta. Proposta, em uma assembleia, acerca do estudo de uma questão, ou relativa a qualquer incidente que surja nesta assembleia.

Moção em A.A.: Ocorre nas assembleias e nas tomadas de consciência dos Grupos quando um membro apresenta uma proposta (*moção*), normalmente divergente, como alternativa àquela que está em pauta ou sendo votada. Também pode ser uma proposta complementar. A proposta é aprovada se conseguir a aprovação de dois terços dos presentes, seja através de votação secreta ou de mãos levantadas.

6. Todo Grupo de A.A. tem o direito de errar

Box 4-5-9, Ago. Set./1986 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_aug-sept86.pdf

Título original: *“Todo Grupo de A.A. Tiene el Derecho de Equivocarse”*

Frank M., diretor dos Arquivos Históricos de A.A. colocou à nossa disposição um valioso intercâmbio de correspondência entre o cofundador Bill W. e Katie W., membro de A.A. de Shaker Heights, Ohio. Estas cartas, escritas em 1963, confirmam o refrão que diz *“Não há nada de novo sob o sol”*. Quanto aos problemas dos Grupos de A.A., e as soluções que continuam sendo aplicadas, o dito manifesta a pura verdade. *“Durante 15 anos”* escreve Katie, *“o ‘Grupo de Mulheres da Sexta-feira à Tarde’, floresceu sob os lemas ‘Vá com Calma’ e ‘Mantenha-o Simples’, com uma atitude de gratidão e o sentimento de que a harmonia sempre prevalece porque Deus reina... Agora nos encontramos lutando com a nossa primeira dúvida”*.

O problema, como explica Katie, derivou do fato de que *“mulheres vestidas de várias cores, desejam se tornar membros do nosso Grupo fechado. Algumas são apenas alcoólicas (um número que com o tempo vai diminuindo); algumas têm problemas com a bebida e com as pílulas; algumas são alcoólicas que têm problemas mentais; outras não têm problemas com a bebida, mas apenas psiquiátricos; outras mais têm problemas unicamente com drogas. Algumas pararam de beber mas, ainda se encontram sob os efeitos de sedativos”*.

Katie cita dois casos: A Sra. A. *“canta elogios a A.A.; assiste assiduamente às reuniões; serve como madrinha; coordena; fala quando não deve; e toma pílulas”*. A Sra. B., que foi paciente num hospital psiquiátrico, deixou a bebida, mas continua tomando medicamentos, *“Não apenas dorme durante a reunião, mas também ronca. Deve-se aguardar até que possa manter-se acordada para assistir às reuniões?”*.

Katie se preocupa principalmente com *“o bem-estar do Grupo. Percebemos claramente que qualquer um que o diga é membro de A.A.; a questão está em saber se estas pessoas têm o direito de assistir às reuniões se, como consequência de ingerir demasiados medicamentos, incomoda aos demais”*.

Diz que se sente perplexa, oprimida, desanimada. *“Podemos ajudar o alcoólico porque podemos identificar-nos”*, responde Bill. *“Mas, não podemos ajudar quando se trata de uma pessoa com problemas mentais ou problemas com pílulas”*. Depois, se faz uma pergunta: *“Devem assistir às nossas reuniões fechadas aqueles que precisam de ajuda, mas que não são alcoólicos?”*. E encerra a carta com as palavras *“Nossa gratidão pela sua contínua sobriedade...”*.

Ao responder, Bill observa que *“Em geral, A.A. tem que tratar com alcoólicos não importando quaisquer complicações que possam ter. Certamente você admitirá o fato de que não existe alcoólico que não tenha alguma ‘complicação’ emocional. Assim, a questão se reduz a isto: Deve A.A. tratar de ajudar aos que têm graves problemas mentais e de adição conquanto sejam alcoólicos? A resposta é, ‘Sim’, devemos tratar”*.

Entretanto, como Bill assegura a Katie, *“esta caridade não quer dizer que não possamos excluir aqueles que perturbam as reuniões ou que interferem seriamente no funcionamento do Grupo. A estas pessoas lhes podemos pedir que se acalmem ou vão embora – ou que voltem quando sua condição lhes permita participar das atividades”*.

Não pode haver uma *“resposta preparada”*, diz Bill. *“Como você sabe, cada Grupo de A.A. tem inclusive o direito de errar”*. Entretanto, *“A.A. nunca foi de utilidade alguma para os*

drogadicton e assemelhados que não são alcoólicos. Não podem identificar-se conosco nem nós com eles. Tentar trazê-los e incluí-los como membros de A.A., seria desviar-nos do nosso objetivo primordial, a obtenção da sobriedade. Embora alguns AAs, individualmente, com frequência possam ajudar estas pessoas, os Grupos de A.A. pouco podem fazer além de lhes permitir que assistam a suas reuniões abertas, sempre e quando não causem complicações”. Finalizando a carta, Bill aconselha a Katie “improvisar sobre a marcha. Não tenha medo de errar. O método das tentativas, segundo as circunstâncias, provavelmente é o melhor”.

Pauta para a explanação de “Consciência de Grupo Esclarecida”

✓ O que é um Grupo de A.A.?:

Como informa a **Terceira Tradição** na sua forma longa: “*Nossa Irmandade deve incluir todos os que sofrem do alcoolismo. Não podemos, portanto, recusar quem quer que deseje se recuperar. A condição para tornar-se membro não deve nunca depender de dinheiro ou formalidade. Dois ou três alcoólicos quaisquer reunidos em busca de sobriedade podem se autodenominar um Grupo de A.A., desde que como grupo, não tenha outra afiliação*”.

Segunda Tradição: “*Para o propósito de nosso Grupo, há somente uma autoridade final – um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva*”. (Forma longa)

Quarta Tradição: “*Com respeito a seus próprios assuntos, nenhum Grupo de A.A. está sujeito a autoridade alguma além de sua própria consciência. Quando, porém, seus planos interferirem no bem-estar de Grupos vizinhos, estes devem ser consultados. Nenhum Grupo, comitê regional ou membro deve tomar qualquer atitude que possa afetar seriamente A.A. como um todo, sem consultar os custódios da Junta de Serviços Gerais. Em tais questões, nosso bem-estar comum tem absoluta primazia*”. (Forma longa)

1. *O que é consciência de Grupo esclarecida – ou, consciência coletiva?*
2. *Onde se origina a consciência de Grupo esclarecida*
3. *Como se desenvolve o processo?*
4. *É importante que não haja pressa.*
5. *Por que é importante chegar à consciência coletiva?*
6. *O desenvolvimento da humildade*
7. *O grupo como um lugar seguro*
8. *Condições para alcançar o esclarecimento:*
 - Como indivíduos devemos nos assegurar de estar bem informados a respeito do modo de vida de A.A., ler sua literatura e nos dispor a compartilhar com os principiantes.
 - Devemos conhecer e participar da nossa estrutura de serviço.
 - Compreender a necessidade de celebrar reuniões de consciência de Grupo.
 - Ter consciência de que realmente há líderes em A.A. – servidores fieis que não mandam, como se explica em nossas Tradições e com mais detalhe no “*Manual de Serviço de A.A.*”.
9. *Na “anarquia benigna” de A.A., a consciência de Grupo esclarecida é a última autoridade.*
10. *A Reunião de Serviço do Grupo: Onde o serviço começa.*
11. *Quem convoca e organiza a Reunião de Serviço?*
12. *Procedimentos da Reunião.*
13. *Todo Grupo de A.A. tem o direito de errar.*